

# GUIA DE ESCUTA PARA MÚSICA CONTEMPORÂNEA

(PARA INICIANTES)

Cibelle J. Donza

## INSTRUÇÕES DE USO

- Logo abaixo está o *checklist* com minhas sugestões de um “passo-a-passo”, para começar a ouvir música de concerto contemporânea.
- Antes de ir a um concerto ou ouvir uma obra, leve esse checklist com você e vá marcando os quadradinho conforme vá vivenciando cada fase do processo.
- a partir da próxima página, você encontrará uma explicação detalhada sobre cada cada passo.

## CHECKLIST

- 1 - ANTES QUE A MÚSICA COMECE, FAÇA SUA PESQUISA.
- 2 – LEMBRE-SE QUE A PRINCIPAL MATÉRIA PRIMA DESSA MÚSICA É O SOM!
- 3 – OUÇA COMO SE ESTIVESSE LENDO UM LIVRO OU ASSISTINDO A UM FILME SEM SABER A SINOPSE ANTES.
- 4 – OUÇA COMO SE ESTIVESSE ASSISTINDO A UM JOGO E TENDE ENTENDER AS REGRAS.
- 5 – APROXIME-SE DESSA MÚSICA COMO SE ESTIVESSE PARTICIPANDO DE UMA AVENTURA.
- 6 – ESQUEÇA TUDO O QUE EU FALEI ANTES, ATÉ QUE TENHA PASSADO PELA PRIMEIRA ESCUTA ou, NÃO SE CONTENTE COM UMA ÚNICA AUDIÇÃO!

# GUIA DE ESCUTA PARA MÚSICA CONTEMPORÂNEA

(PARA INICIANTES)

CIBELLE J. DONZA

## □ 1 – ANTES QUE A MÚSICA COMECE, FAÇA SUA PESQUISA.

Sabendo que a música está cada vez mais diversificada e que não existe um estilo internacional dominante – o que torna a audição mais desafiadora, mas também mais interessante - **tente descobrir o máximo que puder sobre o compositor** e suas influências antes de ouvir a obra. Isso ajudará você a se orientar melhor sobre o que está prestes a ouvir.

Também procure **informações sobre a música**. Leia qualquer nota de programa que o compositor tenha fornecido e se pergunte:

- *Qual é a estrutura dessa música? É grande, pequena, multi-movimento?*
- *Existem formas mais antigas, como fuga ou movimentos nomeados ou é livre?*
- *Qual é a inspiração? É programático ou não?*
- *Qual é a história dessa peça?*
- *É um clássico com uma longa história de performance, como *Le Marteau sans Maître* (P. Boulez), ou algo totalmente novo?*

## □ 2 – LEMBRE-SE QUE A PRINCIPAL MATÉRIA PRIMA DESSA MÚSICA É O SOM!

Compositores contemporâneos são obcecados pelo som. Muitas vezes, pelo som em si mesmo, o que ampliou a consideração do que pode servir de matéria prima para a música = não somente escalas e tons, mas também o ruído (para além dos instrumentos de percussão) pode ser utilizado como elemento expressivo.

### >> O QUE É RUÍDO?

Fisicamente, todo som é constituído de: **Altura** (frequência), **Duração**, **Intensidade** (amplitude da onda) e **Timbre** (organização dos harmônicos, grosso modo).

A frequência é o que nos faz identificar uma nota musical reconhecível. Ou seja, dependendo do número de vibrações por segundo da onda sonora, detectamos uma nota e uma oitava específica. Ex: 440Hz = Lá3.

É importante ressaltar que não existe som puro na natureza. Ou seja, todas as frequências fundamentais carregam em si uma gama de outras frequências que vibram ao mesmo tempo, o que chamamos de harmônicos.

Desse modo, quando combinamos uma grande quantidade de diferentes frequências audíveis juntas, ao ponto de não conseguirmos identificar com clareza uma nota fundamental mas sim um espectro sonoro, a isso chamamos de **ruído**.

Assim, ao evidenciar o som em si mesmo, alguns compositores passaram a considerar o seguinte:

⇒ **“Já que o som em essência é sempre uma combinação de várias frequências (harmônicos), por que não considerar o uso do ruído também como uma das matéria primas para a fazer música? Com potencialidades também expressivas?”**

### **>> DEMAIS ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS DO SOM:**

Se traduzirmos em termos musicais, quando focamos em evidenciar um dos elementos do som, temos o que chamamos de: **MELODIA e HARMONIA** (organização das alturas); **DINÂMICA** (organização das intensidades; amplitudes das ondas); **RITMO** (organização da duração dos sons) e aspectos como **INSTRUMENTAÇÃO, ORQUESTRAÇÃO, TÉCNICAS DE EXECUÇÃO, MISTURAS E SÍNTESES SONORAS** (organização do timbre).

Por um bom tempo, no contexto da música ocidental, os aspectos relacionados à frequência (melodia e harmonia) foram o principal foco de exploração por parte dos compositores, atingindo graus elevados de sofisticação (talvez eu diria que o ritmo viria em segundo lugar, e articulação, dinâmica e timbre logo depois – aqui, uma observação apenas empírica).

Ao longo do tempo, os compositores passaram a se perguntar:

**“Por que não direcionar o mesmo grau de atenção para os demais aspectos do som? Que tal focar com mais destaque os aspectos rítmicos? Ou as questões de articulação? E que tal a exploração do timbre?”**

E assim, se aprofundaram nas experimentações para realçar o que podemos chamar de **“objetos sonoros”**. Numa espécie de direcionamento do “modo de olhar o som” – a matéria prima da música – para evidenciar suas bases em sua origem concreta. Para tal, normalmente os compositores procuram se afastar da maneira já comumente explorada de trabalhar o som, aquela que considera os sistemas de organização que

foram concebidos previamente, num pequeno recorte de tempo (pouco mais de 300 anos) e de espaço (Europa, especialmente Alemanha, França e Itália), se observada no contexto de toda humanidade: o sistema tonal.

Assim, com esse afastamento, os compositores passaram a explorar os diferentes valores expressivos do som, buscando preferencialmente, por relações ainda não comportadas no sistema tonal da tradição ocidental, até o momento. Esse afastamento **não necessariamente significa negação**, mas antes, é um afastamento que conduz para a ampliação do campo de ~~visão~~ escuta; ampliação os modos de percepção do som e das possibilidades expressivas na música.

**Ter esses entendimentos em mente, sobre essas questões e buscas por parte dos compositores, é fundamental para iniciar o preparo dos ouvidos para as diversas formas possíveis de escuta de uma obra contemporânea.**

### **□ 3 – OUÇA COMO SE ESTIVESSE LENDO UM LIVRO OU ASSISTINDO A UM FILME SEM TER LIDO A SINOPSE.**

O que acontece quando não sabemos a sinopse de um filme que estamos assistindo? As primeiras perguntas que nos faremos, serão para tentar entender qual o tema tratado ali e o tipo de abordagem desse tema (“*ok, já identifiquei que tema é sobre amor romântico. Mas, é uma comédia? É um drama denso e profundo? É uma retratação biográfica de algo que aconteceu no passado?*”). Dessa mesma forma, acontecerá com a música.

Ao longo da escuta, tente perceber qual o tema principal ali. Para qual ou quais elementos sonoros expressivos básicos o compositor direciona nosso foco de atenção?

Claro, um simples elemento sonoro básico também pode ser combinado com outros. Assim, podem se tornar objetos mais complexos, resultando no que podemos chamar de “**GESTOS SONOROS**”.

Tente encontrar esses gestos ao longo da música. E aqui vai uma dica: **Procure por padrões que se repetem!** Gestos sonoros que se repetem são mais fáceis de identificar num primeiro momento. E a repetição de padrões é um dos elementos-chave que organizam e constroem significados expressivos no que antes poderia facilmente ser confundido com sons desorganizados e sem propósito.

E então se pergunte: “**Qual o assunto que está sendo tratado nessa música?**” Algumas possíveis respostas poderiam ser:

- *A relação de dicotomia agudo x grave;*
- *Gestos rítmicos + exploração de dinâmicas;*
- *Exploração de timbres + arpejos ascendentes de 6ª menores.* Enfim... As possibilidades são inúmeras!

## >> Vamos tentar imaginar uma situação prática:

Muitas vezes, para serem mais efetivos em focar a atenção do ouvinte onde desejam, compositores acabam minimizando o protagonismo da melodia e/ou da harmonia, ou evitam explorar em demasia as relações consonâncias x dissonâncias (tensão x resolução), já amplamente exploradas nos séculos anteriores (ao menos não da mesma maneira).

O resultado é que você ouvirá uma música que provavelmente não conseguirá cantarolar junto, ao menos não de primeira. Então, se você insistir em procurar por esses sabores, terminará frustrado(a), pois não acontecerá muita coisa interessante sob esse tipo de ótica para a música.

Mas, se por outro lado, você entender que o tema daquela obra não é sobre melodia e harmonia como já amplamente difundido, mas sim sobre articulação por exemplo, então enfim você poderá focar seus ouvidos na temática certa e assim, poderá acompanhar o enredo do personagem principal da trama do início ao fim, podendo inclusive criar empatia por ele; criar conexão, ao perceber seus desenvolvimentos e transformações ao longo da obra e assim, se envolver com o drama.

**E se o tema for o timbre?** Se um compositor fizer uma música com apenas uma ou duas notas do início ao fim e você não sacar que a temática ali na verdade é o timbre, vai ficar procurando por melodias ou mesmo ritmos interessantes, e novamente você se frustrará, por estar direcionando sua atenção **para o lugar errado!** Estará olhando para sua esquerda, enquanto a parte realmente interessante da trama se desenvolve do seu lado direito. Ali, oh! bem debaixo do seu nariz!

Experimente “virar o rosto” (ou “oferecer a outra face”, se você for afeito(a) às metáforas bíblicas) para a direção certa e aí sim, você estará mais perto de acompanhar o enredo da obra e não perder a jornada do(s) personagem(ens) principais e a percepção das nuances e riquezas da exploração timbrística ao longo da obra.

E é por isso que muitos compositores, com o intuito de continuar a tradição de explorar as variedades; as possibilidades dos coloridos timbrísticos dos instrumentos (processo esse que sempre aconteceu e se desenvolveu ao longo da história da música ocidental, desde os primórdios), passaram a ampliar e estender cada vez mais as técnicas de execução ao instrumento, aumentando assim, o leque de possibilidades de timbres.

Espero que com esses pontos de ~~vista~~ audição até agora apresentados, você possa começar a exercitar seus ouvidos para ampliar suas possibilidades de percepção das temáticas de cada música com cada vez mais destreza.

## □ 4 – OUÇA COMO SE ESTIVESSE ASSISTINDO A UM JOGO E TENDE ENTENDER AS REGRAS.

Com a diversidade de estilos e processos na música contemporânea, o resultado é que cada peça, acaba tendo um universo e códigos próprios, mesmo quando escritas pela mesma pessoa. É como se cada música fosse um novo jogo, e que devemos aprender as regras. Assim, da mesma forma que assistir a uma partida de futebol se torna muito mais interessante se entendemos as regras, assim também será com a música.

Então, após a mentalidade mais preparada sobre algumas das possíveis formas de escuta, comece a aprofundar e a entrar nos detalhes da música, buscando **identificar as regras daquele jogo**.

A partir daqui, comece a também se perguntar coisas do tipo:

- *“As melodias são pontiagudas ou suaves?”*
- *“Esse gesto está crescendo para outra coisa ou está se mantendo estável?”*
- *“Hum... Percebo que ‘tal’ gesto se repete”* (por exemplo, um ataque súbito forte na harpa seguido de trêmulos nas madeiras). E então, logo se pergunte: *“O que nessa obra provoca esse gesto sonoro? O que normalmente acontece antes, que resulta nesse movimento? E o que acontece logo depois como consequência?”*

Nesse exemplo fictício que estou inventando agora enquanto escrevo – esse do gesto de ataque da harpa seguido de trêmulos no naipe das madeiras – poderemos imaginar que toda vez que os cellos e contrabaixos tocarem determinada nota (numa região e dinâmica específica), logo após isso, o gesto da harpa + madeiras irá acontecer. E ainda, logo depois, a música deverá mudar sua região harmônica para uma sétima menor acima, e com qualidade oposta da harmonia anterior (ex: de C para Bbm). E eu ainda acrescentaria que, a cada 2 repetições, na terceira haverá a inserção de um elemento novo surpresa ou uma variação nesse processo, completando ciclos de 3. Pronto, aqui está um pequeno jogo com suas regras primárias!

Não me diga que, ao saber dessas regrinhas, você também não iria achar interessante acompanhar o jogo? Pense na expectativa criada com os padrões esperados e as surpresas que esse mesmo padrão irá trazer nesse esqueminha das repetições? E se, nesse jogo, eu ainda acrescentar que as surpresas serão reações espontâneas; de maneira improvisada, que deverão acontecer com alguns músicos da orquestra? Isso tornaria a atenção e expectativa do público muito mais interessante durante o a performance ao vivo, não acha? Mas claro, se souberem desse detalhe.

Nesse exemplo, os esquema das “regras básicas do jogo” poderão ser utilizados para ajudar a seguir auditivamente a obra.

E aí, se quiser se aprofundar ainda mais na fruição da obra, nesse ponto você deveria começar a se perguntar: *Tal padrão permanece acontecendo durante a música toda ou em algum momento isso muda? Se mudar, se transforma em que? Há material contrastante ao longo da obra? Caso sim, esse material surgiu de uma variação; de uma conversa com o primeiro material, ou é algo completamente novo? E o que acontece ao final? Há um retorno ao início ou simplesmente a música segue para outros rumos ainda não explorados?*

Essas e muitas outras perguntas, você poderá fazer a si mesmo(a) para seguir a música. Se pergunte também sobre a textura: *Quão denso é isso? Como os instrumentos estão se relacionando?*

É interessante notar também que, nesse tipo de música, muitas vezes as partituras têm função de servirem mais como instruções do que uma representação precisa da sonoridade, convidando o intérprete e muitas vezes inclusive o público, a “jogarem juntos”. Muitos compositores clamam por um papel mais criativo dos intérpretes, pois estão interessados num diálogo ativo. Assim, consideram os intérpretes também como parceiros criativos na obra.

E claro, sempre leve em consideração o **tratamento do timbre**, mesmo que não seja o principal assunto na obra apreciada. Mas ainda assim, em boa parte das obras contemporâneas, timbre é um assunto bem importante.

Então sempre se pergunte: *“Que cores musicais posso perceber aqui?”*

Você ainda pode querer se perguntar também:

- *“Se essa peça for nova, ela descreve a vida no mundo hoje? Ou poderia ter sido escrito há 50 anos atrás?”*
- *“Ela estabelece um diálogo com outras linguagens, estilos ou períodos históricos?”. Caso sim, com qual(is)?*

Ah, e se você gostou desse joguinho que acabei de criar aqui nesse tópico, fique à vontade pra tomar emprestada a ideia base e colocar em uma composição sua. Sem problemas! Só me mostra depois, beleza?!

## **□ 5 – APROXIME-SE DESSA MÚSICA COMO SE ESTIVESSE PARTICIPANDO DE UMA AVENTURA.**

Considerar o processo de escuta desse repertório como se estivéssemos participando de uma **aventura** – o que de fato é – nos prepara para sermos surpreendidos, para já esperar a experiência de coisas novas (nem sempre agradáveis ou bem sucedidas, mas ainda assim, experiências), que nos tirarão da zona de conforto.

Ao encarar com esse olhar, isso já nos deixa abertos e preparados para a apreciação.

## **□ 6 – ESQUEÇA TUDO O QUE EU FALEI ATÉ AGORA, ATÉ QUE TENHA PASSADO PELA PRIMEIRA ESCUTA ou, NÃO SE CONTENTE COM UMA ÚNICA AUDIÇÃO!**

Um grande desafio para novos ouvintes é que querem entender a música de imediato e ficam frustrados quando não conseguem. No entanto, é muito provável que na primeira escuta você realmente não consiga perceber todos os detalhes, processos e “tramas” da obra. Na verdade, é mais certo que você consiga perceber pouquíssimo nessa primeira escuta e que de imediato, você fique apenas com uma amarga sensação de desconforto ou de estar perdido por ali.

Então nem se iluda e já reconheça que será difícil no início, e também que você não vai se apaixonar assim tão rápido e nem conseguirá tirar muito proveito da música na primeira audição. Com sorte, talvez poderá alcançar a superfície do que aquela obra é. Foi assim comigo e com todos que iniciam nessa jornada.

Então, é sempre melhor apenas sentar e se colocar sem defesas na primeira escuta. Simplesmente deixando a música te atingir e não se esforçar muito para tentar tirar quaisquer conclusões sobre ela de imediato. Afinal, como com qualquer obra que formos ouvir pela primeira vez, é quase certo que não teremos a menor ideia do que vai acontecer ali, qualquer ideia de pra onde a música vai.

Só poderemos fazer isso quando estivermos familiarizados com a obra, e isso com certeza pede mais de uma escuta. É muito mais fácil para o conseguir fruir depois, quando a música se tornar mais familiar, quando na primeira escuta, nosso cérebro não entrar em ação imediata para analisar, mas antes apenas se acomodar e se deixam levar.

Esse processo de familiaridade pode requerer 3 ou 4 audições, já que se trata de modos de escuta ainda não internalizados. Então, mantenha a mente aberta e só depois da primeira escuta, procure mergulhar aos poucos e cada vez mais profundamente nas camadas de percepção da obra.



E aqui finalizo esse *checklist* ou **Pequeno Guia De Escuta Para A Música Contemporânea**.

Você pode tentar seguir essas estratégias pra ver se elas se adaptam a você ou escolher outras. Tenho certeza que há inúmeras outras possibilidades que você poderá encontrar também.

Espero no mínimo ter gerado curiosidade em você, para conhecer mais sobre esse repertório. E ainda, que termine ciente que a música contemporânea não é “tudo a mesma coisa”, que não soa tudo igual sempre, mas é um mar enorme de opções sonoras. E compreender que, por ter processos diferentes de criação, ela também pede modos de escuta diferentes.

Ficarei feliz em ouvir sua experiência. Escreva pra mim no [jemimaa@gmail.com](mailto:jemimaa@gmail.com).

Boa sorte!

*Cibelle J. Donza*

Maestrina e Compositora  
[www.cibellejdonza.com](http://www.cibellejdonza.com)

Esse material foi desenvolvido como parte do projeto:  
“Compositora na Música de Concerto – Cibelle J. Donza”  
Pela Lei Aldir Blanc – PA.

Premiado na categoria: “Curta a Música 3” – Para Difusão e Valorização de Compositores Locais.

Para as demais partes, visitar:

<https://www.youtube.com/watch?v=yuWe-k6s6es&t=73s>

&

<https://www.youtube.com/watch?v=53msfSm2fs8&t=12s>

REALIZAÇÃO:

